



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de Setembro de 2016

São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

LINGUAGEM ORAL EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

CRISTIANE SILVA SANTOS

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO Linguagem oral e linguagem escrita foram, durante muito tempo, vistas como dicotômicas. Os estudos atuais apontam que ambas são práticas sociais de um mesmo sistema linguístico e por isso mantêm uma relação de proximidade que chegam a se confundirem. As características de uma e de outra estão presentes concomitantemente em textos orais e escritos e vão ser definidas de acordo com os interlocutores em um determinado contexto de comunicação. Desta forma, este trabalho tem o objetivo de analisar o uso de características orais em textos escritos no suporte jornal. Para tanto, foram utilizados os fundamentos teóricos de John Lyons (1987), Diana Luz Pessoa de Barros (2006) e (2009), Marcuschi (2001) e Aurox (2001).

Palavras-chave: Oralidade, escrita. **ABSTRACT** Oral language and written language were, for a long time seen as dichotomous. Current studies indicate that both are social practices of the same linguistic system and therefore maintain a close relationship coming to be confused. The characteristics of one and the other are concurrently present in oral and written texts and will be defined according to the interlocutors in a given context of communication. Thus, this study aims to analyze the use of oral features in written texts in the paper support. Therefore, the theoretical foundations were used John Lyons (1987), Diana Luz Pessoa de Barros (2006) and (2009), Marcuschi (2001) and Aurox (2001). **KEYWORDS:** Orality, writing.

Introdução Fala e escrita são formas de expressão da língua marcadas por diferenças, semelhanças e interseções. Surgidas em momentos diferentes da história da humanidade e de relevante importância para as relações sociais, são objetos de estudo em muitos trabalhos acadêmicos da área da Ciência Linguística. Os estudos sobre a linguagem há muito tempo vem traçando o paralelo entre oralidade e escrita, antes essa relação era vista de forma dicotômica e

nos estudos atuais como práticas sociais de expressão de um mesmo sistema linguístico, que variam conforme os fatores histórico-sociais e são utilizadas de acordo com intenções discursivas dos indivíduos envolvidos na situação de comunicação. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo analisar as interferências da oralidade nos textos escritos na coluna OlhoVivo do jornal sergipano Cinform na tentativa de compreender quais são as intenções discursivas advindas das escolhas de expressões predominantemente orais e as consequências produzidas através desses efeitos de sentido. Este jornal é semanal e apresenta vários cadernos entre eles, Emprego, Imóveis, Municípios, Veículos e o Olho Vivo. Esse último, conforme já observado, será utilizado como corpus para o desenvolvimento deste trabalho e dispõe de várias tipologias e gêneros textuais. O caderno Olho Vivo contém dezesseis páginas que mostram registros de uma parte da sociedade sergipana financeiramente privilegiada que vão desde festas a viagens e relacionamentos. A capa sempre traz a imagem de uma pessoa jovem em exposição corporal e dentro revela quem é, geralmente de Sergipe, sua ocupação e anseios. Além das inúmeras propagandas, resumos de novelas, horóscopo, programação dos cinemas, o caderno mostra dicas de beleza e saúde, receitas culinárias e a opinião da editora Rafaella Vieira sobre comportamento humano no cotidiano. Tudo isso numa linguagem muito mais próxima da oralidade do que da escrita e com objetivo de se aproximar do público. Para facilitar a organização e a análise proposta por este trabalho serão escolhidos o texto de apresentação do supracitado caderno, “os fragmentos” que são pequenos textos nos quais são exibidos registros da vida de algumas pessoas e a dica de receita culinária assinada pela editora do caderno Rafaella Vieira. O embasamento teórico utilizado para fundamentar este texto é dos autores Jonh Lyons (1987) no que se refere a primazia da fala sobre a escrita, Diana Luz Pessoa de Barros (2006) e (2009) no estudo sobre os efeitos de sentido da oralidade nos textos escritos e nos discursos, Marcuschi (2001) sobre a mudança no foco no estudo das relações entre fala e escrita e Auroux (2001) na sua filosofia da linguagem. **Oralidade nos textos escritos da coluna Olho Vivo Texto de apresentação e “fragmentos”** Logo na primeira folha do caderno em estudo, após a capa, vem o primeiro texto assinado literalmente por Rafaella Vieira. O texto traz como título o enunciado “O que é bom **a gente** compartilha” o que mostra desde o início a simulação de um possível envolvimento entre os interlocutores e revela traços de oralidade como informalidade e simplicidade, como se ambos estivessem próximos numa conversa informal. No decorrer desse texto prevalece o uso da primeira e da terceira pessoa do discurso o que reforça a ideia de aproximação e produz um efeito de identificação entre os envolvidos na situação de comunicação. Abaixo desse texto há outros de extensão menor intitulados “Fragmentos” com predominância de diálogos simulados entre autor e leitor como nos trechos “Você ama fazer selfie?” e “E você?”

Está nessa vibe?

” Essa “conversa” com o leitor cria uma atmosfera de proximidade e fidelidade para fazer o leitor continuar comprando o jornal e recebendo essas dicas de comportamento. Outro traço de oralidade é revelado nos gestos exibidos nas imagens. A imagem propõe um efeito sonoro como ocorre nas situações em que os interlocutores estão presentes: Expressões típicas da oralidade são constantemente utilizadas como: “Larissa Carvalho **trintou** em grande estilo”; “**Olha a carinha** de felicidade desta fofa”; “A **mãezona** Bianca Andrade não mediu esforços para agradar a **filhota**, que completou 10 anos; O verão precisa ser bem aproveitado, **né**, meninas?

Receita culinária Intitulada “Faça a **picanha assada** com sal grosso” a receita já começa de uma forma diferente das receitas convencionais conforme figura abaixo: (página 10 do caderno Olho Vivo) O uso do verbo no modo imperativo comum nos textos injuntivos desse gênero receita não é comum no título, no entanto, logo de início o autor ou autora (a receita é da editora do caderno Rafaella Vieira, porém há a presença do discurso indireto livre, como se a “voz” fosse da editora, mas a escrita fosse de uma terceira pessoa) utiliza o verbo fazer na forma imperativa causando um efeito de aproximação espacial e conseqüentemente um envolvimento com o leitor. Esta forma de expressão empregada no texto seria o que Barros (2006) denomina de enunciação enunciada sendo um dos dois tipos de discurso segundo a semiótica discursiva:

“A semiótica discursiva distingue dois tipos de discursos, a partir dos diferentes empregos das categorias enunciativas de pessoa, de tempo e de espaço nesses discursos: os projetados em primeira (e segunda) pessoa, no tempo do agora e no espaço do aqui, que caracterizam uma enunciação enunciada, e os organizados em terceira pessoa, no tempo do então e no espaço do lá, que são ditos enunciados enunciados. Os discursos do primeiro tipo (enunciação enunciada) produzem efeitos de sentido de aproximação da enunciação e de relação dialógica entre sujeitos, pois se apresentam como simulacros da enunciação, e constroem interações com efeitos de subjetividade.” (BARROS, 2006, p. 62) O uso da primeira pessoa no trecho “**Estou** longe de ser chef ou coisa parecida, mas **gosto** de me arriscar na cozinha de vez em quando” também reforça essa ideia de aproximação que é característico da oralidade, além da locução adverbial de lugar logo abaixo da imagem do prato já preparado: “Receitinha pronta **do lado de cá**. Faça **você** também”. Essas escolhas lexicais revelam a intenção de proximidade, de subjetividade e de interação entre quem escreveu e quem vai ler o texto escrito. Esses exemplos de expressões orais remetem a forma de conceber a fala e a escrita sob o ponto de vista da história e de suas funções sociais e remonta às imagens criadas da norma e da língua na gramática conforme afirma Barros (2006, págs 64 e 65): “*Em pesquisa sobre as imagens da*

norma e da língua nas gramáticas do português, podemos observar que há diferença na concepção de norma para a escrita e para a fala: são aceitos na fala usos considerados insuficientes na escrita". Esses usos, ainda segundo a autora supracitada, podem ter valor positivo de sinceridade, cumplicidade ou negativo de incorreto, trivial e de excesso de envolvimento entre os interlocutores. Diante dessas observações da predominância de traços da oralidade nos textos escritos em questão, convém discorrer sobre a fala e a escrita do ponto de vista histórico para entender melhor esses mecanismos de usos nos textos. **Aspectos teóricos: fala e escrita** Não há conhecimento de alguma sociedade desprovida de fala, apesar das línguas existentes poderem ser faladas ou escritas até recentemente grande parte das sociedades era formada por pessoas analfabetas. A capacidade de comunicar através da fala surge muito antes da escrita que é considerada como "a primeira revolução tecnolinguística da história da humanidade" segundo Auroux e surge depois de avanços importantes como o período neolítico que marca uma fase em que o homem adquiriu um certo controle sobre o ambiente em que vive:

"Não existe conceito de escrita bem construído que permita conceber que a essência do fenômeno em questão é anterior à existência da fala. A emergência da fala humana está ligada ao desenvolvimento corporal dos antropoides. Em sua pura oralidade, ela está ligada ao indivíduo; sua possibilidade está contida em suas capacidades, ainda que estas devam desenvolver-se em uma relação de troca simbólica com seus semelhantes" (AUROUX, 2001, p. 92) O domínio e o surgimento da escrita marca uma relação de poder e de dominação em sociedades que são marcadas pela hierarquia como afirma Auroux: "*É incontestável que o escrito só aparece (e se mantém) em sociedades fortemente hierarquizadas, e entretém desde a origem (e sobretudo na origem) relações muito estreitas com as diversas instâncias de poder que as sociedades humanas conhecem*". (2001, p.69) Ao longo do tempo notou-se que a invenção da escrita não só estava ligada ao poder, mas a outras formas de expressar o pensamento humano, pois faz parte das relações sociais: "De outro modo, a escrita é uma resposta específica a uma série de problemas técnicos, nascidos bem antes dela e parcialmente solucionados pelas técnicas gráficas que a anunciam. Seria superficial ligá-la simplesmente à opressão. Ela muda qualitativamente a natureza das relações sociais e, porque torna possível a escrita da lei e da

ciência, ela faz nascerem novas formas de liberdade humana". (AUROUX, 2001, p. 69) Desta forma também os registros escritos e orais são marcados por diferenças de flexibilização, uma vez que as sociedades orais tendem a variar a mensagem na sua transmissão, as sociedades escritas são caracterizadas por formas fixas o que mantém o conteúdo e a forma da mensagem, marcas do texto literário. Isso se deve ao fato de que a mensagem oral quando transmitida carrega traços individuais e sociais de variação, pois cada ser "conta" um fato de um jeito próprio e com influências regionais, mas procurando manter o conteúdo da mensagem. O surgimento da escrita possibilitou o desenvolvimento das ciências, inclusive da própria ciência linguística, pois é o único meio fixo de transmissão espacial através do tempo. Fala e escrita têm seus mecanismos próprios de estrutura e função e não cabe o padrão do correto ou incorreto, o que podemos concluir que são meios de expressão da língua que têm fundamentos próprios, pois afirma Lyons (1987) *"A língua é independente do meio em que os sinais linguísticos se realizam, diremos que a língua tem a propriedade de passar por uma **transferência de meio**".* E esses meios (fala e escrita) têm a possibilidade de se entrecruzarem a depender do contexto situacional, dos interlocutores e do suporte. Ainda segundo Marcuschi (2001) todo uso linguístico acontece dentro de universos socioculturais e acrescenta: *"O contexto cultural exerce forte influência sobre o papel da escrita, o que desenfatura a diferença entre fala e escrita, sendo "ambos os modos mais similares do que diferentes no seu impacto sociológico". (p.32)* Essa questão posta por Marcuschi contraria a ideia de oposição entre fala e escrita que foi fortemente defendida nos anos 80 na qual o texto escrito era mais coeso e coerente enquanto o texto oral não, era considerado pouco conexo, os sentidos do texto escrito eram transmitidos através da folha impressa e o oral na comunicação face a face. Os exemplos observados na primeira parte deste trabalho mostram que há mais semelhanças entre escrita e oralidade do que diferenças. Essas questões perpassam pelo ensino de língua que enfatiza mais a escrita do que a oralidade, pois como afirma Gallo (1995) *" a escola é a principal instituição mantenedora do discurso escrito, e não uma instituição "produtora". As instituições produtoras são, por exemplo, o jornal, o livro, a publicidade, a revista, a TV, o rádio, entre outras".(p.59)* O jornal como instituição produtora do discurso escrito recebe e é construído com

interferências da oralidade com objetivo de atrair e cativar o público-alvo. **Considerações finais** Fala e escrita surgiram da necessidade humana de desenvolver a capacidade de comunicação e consequentemente representou um grande avanço para as ciências, principalmente o surgimento da ciência linguística. Muitos são os trabalhos publicados sobre essas duas formas de expressão da língua ressaltando principalmente as relações de semelhanças e as intenções discursivas decorrentes de tais usos linguísticos. Neste sentido, esse trabalho mostrou as interferências da oralidade nos textos escritos na coluna Olho Vivo do jornal sergipano Cinform assinada pela editora Rafaella Vieira. No decorrer dos textos analisados foi possível perceber que a escolha da primeira e terceira pessoas do discurso foram utilizadas com o objetivo de criar uma proximidade com o leitor, numa situação de informalidade típica da oralidade. Outros aspectos observados também foram o uso do verbo no modo imperativo, reforçando essa ideia de interação entre os interlocutores; as palavras e expressões típicas do discurso oral como o **né?**

, **trintou** e outras tantas, além da criação de diálogos simulados. Essas escolhas lexicais advindas da oralidade podem ter valor positivo de simplicidade, sinceridade ou negativo de relaxamento e envolvimento excessivo entre os interlocutores. Mas todas as escolhas observadas estão envolvidas de intenção discursiva com o objetivo de cativar o leitor, torná-lo próximo. Fala e escrita têm seus mecanismos próprios de funcionamento, são formas independentes de expressão de um mesmo sistema linguístico e suas realizações dependem de fatores sócio-comunicativos e das intenções dos sujeitos envolvidos no discurso. A interferência da oralidade nos textos escritos na coluna Olho Vivo é forte como foi observado, o que demonstra a intenção do jornal de se aproximar mais do leitor. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** AUROUX, S. **Filosofia da linguagem**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1998. BARROS, D. L. P. **Entre a fala e a escrita**: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.) Fala e escrita em questão. Vol 4. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 57 – 78. LYONS, Jhon. Linguagem e Linguística. Editora LTC, 1987. MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e dos eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org.) **Investigando as relações oral//escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 23-50. _____. **Da fala para a escrita**: atividades de

retextualização. São Paulo: Cortez, 2005. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua Portuguesa**. Vol 2. 2ª Ed. Ministério de Educação/ Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro, 2000. PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. S. Paulo: Humanitas, 2000 _____. Dino (org.) **O discurso oral culto**. Vol 2, 3ª Ed. São Paulo: Humanitas, 2005. _____. **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002. _____. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS AUROUX, S. **Filosofia da linguagem**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1998. BARROS, D. L. P. **Entre a fala e a escrita**: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.) **Fala e escrita em questão**. Vol 4. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 57 – 78. LYONS, Jhon. **Linguagem e Linguística**. Editora LTC, 1987. MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e dos eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org.) **Investigando as relações oral//escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 23-50. _____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2005. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua Portuguesa**. Vol 2. 2ª Ed. Ministério de Educação/ Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro, 2000. PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. S. Paulo: Humanitas, 2000 _____. Dino (org.) **O discurso oral culto**. Vol 2, 3ª Ed. São Paulo: Humanitas, 2005. _____. **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002. _____. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

[1] Mestranda em Letras na Universidade Federal de Sergipe.

Recebido em: 04/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: